ZH ZERO HORA

Publicado em 26/09/2022 - 05:54

Eleitorado evangélico cresce no RS, mas abaixo da média do país

Peso do voto dos evangélicos cresce no RS e no país

No Rio Grande do Sul, são 1,8 milhão de eleitores nesse segmento religioso, e no Brasil, há quase 47 milhões de fiéis aptos a votar

MARCELO GONZATTO
marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

Com um número cada vez maior de devotos entre a população brasileira e uma presença política recorde no Congresso Nacional, os evangélicos se consolidaram nesta eleição como um rebanho preferencial na disputa por votos entre os principais candidatos à Presidência da República.

Uma das razões fundamentais para a relevância atribuída a esses fiéis é o avanço das denominações evangélicas. No Rio Grande do Sul, estimativas indicam que já somam um quinto do eleitorado, ou cerca de 1,8 milhão de votantes, número que chega a quase 47 milhões em todo o Brasil. Em paralelo, essas igrejas demonstram uma vocação por ocupar espaços de poder que levou à formação da maior bancada religiosa já vista na Câmara e no Senado.

O atraso de dois anos na atualização do Censo Demográfico dificulta avaliação mais precisa da ascensão evangélica. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que eram 15% dos brasileiros no ano 2000. Uma pesquisa sobre religiosidade feita pelo Datafolha em 2020 sugere que, em duas décadas, esse patamar dobrou e chegou a 31%.

Relevância

Pesquisa eleitoral realizada pelo Ipec no Rio Grande do Sul entre 13 e 15 de setembro encontrou 21% de evangélicos entre os gaúchos acima de 16 anos – índice que, aplicado ao contingente de 8,5 milhões de eleitores registrados no Tribunal Regional Eleitoral (TRE), resulta na projeção de 1,8 milhão de votantes. Em todo o país, a mesma conta chega a 46,9 milhões de almas com Bíblia e título de eleitor às mãos.

Essa fatia da população foi decisiva para dar a vitória a Jair Bolsonaro (PL) na eleição passada, o que intensifica a disputa hoje em templos, discursos e propagandas. O atual presidente superou Fernando Haddad (PT) por 10,7 milhões de votos no segundo turno, sendo que os evangélicos deram 11,6 milhões de votos a mais para o atual candidato à reeleição em relação ao petista, segundo estimativas com base em dados do Datafolha.

– A cada pleito, vemos crescer a preocupação em relação a como os evangélicos votam. De fato, em 2018, grande parte dessas pessoas aderiu a Bolsonaro, e isso foi o diferencial entre ele e o Haddad. Mas é importante também entender que se trata de uma população muito plural, de muitas denominações, com distinções teológicas – afirma a antropóloga Jacqueline Moraes Teixeira, professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), e pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e do Instituto de Estudos da Religião (Iser).

Apesar da diversidade, essa fatia do eleitorado chegou a entregar 69% de seus votos a Bolsonaro no segundo turno de 2018 – percentual de devoção que recuou e hoje oscila próximo de 50%, segundo Ipec e Datafolha. Jacqueline lembra que grande parte desses fiéis são mulheres negras de baixa renda, que também compõem um dos perfis sociais mais propensos a votar no candidato oposicionista Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Entre as principais denominações pentecostais com representação no Rio Grande do Sul, a Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) é uma das mais próximas ao atual presidente. Fundador da Iurd, Edir Macedo recentemente reafirmou o apoio a Bolsonaro e sustentou que pautas de esquerda são "incompatíveis com o pensamento evangélico".

A Convenção de Igrejas Evangélicas e Pastores da Assembleia de Deus no RS (Ciepadergs) manifestou, por meio de nota enviada a GZH, que "não há orientação de voto para os fiéis, nem de nome, nem de perfil de candidato específico. Contudo, é papel precípuo das igrejas conscientizar seus fiéis a respeito de sua própria doutrina, o que implica aos fiéis pautar suas escolhas segundo a doutrina que defendem e professam".

A Assembleia faz campanha contra temas como "desconstrução da família tradicional, erotização de crianças, ideologia de gênero, relativização da Bíblia Sagrada, censura à liberdade religiosa, aborto e aparelhamento da educação com a ideologia marxista". Em nível nacional, ainda em abril, o presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, José Wellington, declarou apoio formal a Bolsonaro em evento público no qual declarou que Jesus Cristo daria a vitória ao atual presidente "no primeiro turno".

Estratégias

Entre as maiores denominações, a Deus é Amor é a que se mantém mais distante da disputa política.

– A Deus é Amor, por tradição, não se insere na política. Essa tradição vem diretamente do fundador da igreja, David Miranda *(1936-2015)*, e se mantém assim. É uma igreja extremamente tradicional – avalia o doutor em Antropologia Social Marcelo Tadvald, que pesquisa religião.

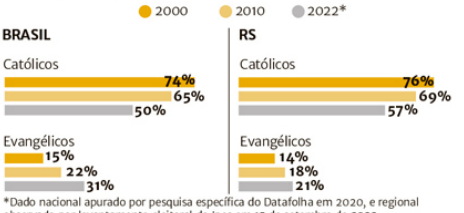
Para tentar evitar que o cenário de 2018 se repita, Lula tem intensificado os acenos religiosos, e a adesão da evangélica Marina Silva à sua candidatura é vista como um ponto favorável na disputa por esses eleitores.

A campanha de Bolsonaro foca em temas caros a essa população, como o combate ao aborto. O resultado dessa disputa de proporções bíblicas poderá ser descoberto no dia 2 de outubro.

Os cenários

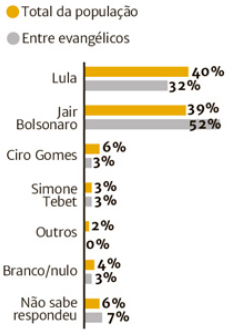
Fatia da população ligada principalmente a igrejas pentecostais aumenta em todo o país

PROPORÇÃO DAS PRINCIPAIS RELIGIÕES NO PAÍS ENTRE A POPULAÇÃO TENDE A SE INVERTER

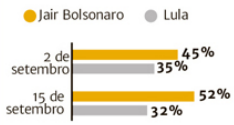


*Dado nacional apurado por pesquisa específica do Datafolha em 2020, e regional observado por levantamento eleitoral do Ipec em 15 de setembro de 2022
Fontes: IBGE, Datafolha e Ipec

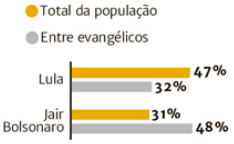
O VOTO RELIGIOSO NO RS
Evangélicos gaúchos preferem Bolsonaro, mas Lula fica um ponto à frente na população total pelo Ipec



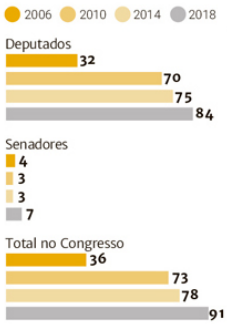
CRESCEU DIFERENÇA DE BOLSONARO PARA LULA ENTRE EVANGÉLICOS NO RS



LULA MANTÉM DIANTEIRA NO CENÁRIO NACIONAL, COM BOLSONARO À FRENTE ENTRE EVANGÉLICOS



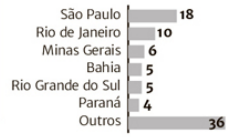
A FORÇA RELIGIOSA NO CONGRESSO
Bancada evangélica aumenta a cada legislatura no país



Fonte: Diap

PERFIL DOS DEPUTADOS FEDERAIS ELEITOS EM 2018
Assembleia de Deus tem o maior número de representantes evangélicos na Câmara

ESTADOS COM MAIOR NÚMERO DE DEPUTADOS EVANGÉLICOS



Obs: dados regionais de pesquisas Ipec com entrevistas coletadas entre 30 de agosto e 1º de setembro e entre 13 e 15 de setembro. Em cada rodada, foram ouvidas 1,2 mil pessoas, com margem de erro de três pontos percentuais para mais ou para menos e 95% de nível de confiança (chance de o levantamento estar correto dentro da margem de erro). Dados nacionais de pesquisa Ipec realizada entre 17 e 18 de setembro com 3008 entrevistas, margem de erro de dois pontos para mais ou para menos, e 95% de nível de confiança. Pesquisas estaduais contratadas pelo Grupo RBS e registradas no TSE com os números BR-02047/2022 e BR-00161/2022. Pesquisa nacional contratada pelo Grupo Globo e registrada sob o número BR-00073/2022.

Igrejas avançam na Câmara e no Senado

O crescimento dos evangélicos entre a população tem sido acompanhado por um salto no tamanho e no grau de influência da bancada vinculada às igrejas desse segmento no Congresso Nacional. A eleição de 2018 resultou em uma nominata recorde de 84 deputados federais e sete senadores, segundo levantamento realizado pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap). Esse contingente de parlamentares alinhados por questões de fé representa 16% da Câmara e 9% do Senado.

Conforme as análises do Diap, entidade constituída por organizações sindicais de todo o país, a bancada evangélica vem crescendo a cada legislatura. Em comparação com a eleição de 2006, por exemplo, a presença dos parlamentares ligados a alguma dessas denominações se multiplicou 2,5 vezes. O departamento estabelece como critérios para incluir deputados e senadores nessa classificação quando ocupam cargos nas igrejas, como pastores, sacerdotes e missionários, ou demonstram atuação política fortemente alinhada com alguma delas. Esses políticos não atuam de forma completamente homogênea, mas há bandeiras predominantes como o combate à descriminalização do aborto, outros temas ligados à pauta de costumes e questões paroquiais como benefícios fiscais e concessões de canais de comunicação.

ASSEMBLEIA DE DEUS, DIVULGAÇÃO

Culto da Assembleia de Deus realizado em templo em Sapiranga

A Assembleia de Deus é a denominação com o maior número de parlamentares eleitos na eleição passada, com 27 nomes, seguida pela Universal (17) e pela Batista (oito). Na análise por Estados, São Paulo vem em primeiro lugar com 18 representantes. O Rio Grande do Sul figura empatado com a Bahia em quarto lugar, com cinco parlamentares. O cientista político e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Paulo Peres lembra que a eleição de parlamentares é um dos pilares do avanço evangélico sobre a política, mas não o único.

– No STF, recentemente, Bolsonaro nomeou um ministro evangélico. O Ministério da Educação passou a ter controle de lideranças religiosas. Os evangélicos também estão no centrão, que desde 2016 ganha força e atualmente é muito poderoso – afirma Peres.

O cientista político observa ainda que o cenário atual pode consolidar uma "clivagem religiosa" na política brasileira, ou seja, uma configuração do debate político e eleitoral baseada na fé – seja ela evangélica, católica ou afro-brasileira, entre outras.

– O Brasil, que tradicionalmente nunca foi dividido em clivagens sociais do ponto de vista eleitoral, começa a mostrar que estamos avançando para uma possibilidade de de clivagem religiosa. Há uma divisão entre os católicos, mas em sua maioria talvez até tenham uma posição mais de centro-esquerda, enquanto a maioria dos evangélicos fica na centro-direita ou na direita – analisa o cientista político.

"A cada pleito, vemos crescer a preocupação em relação a como os evangélicos votam. De fato, em 2018, grande parte dessas pessoas aderiu a Bolsonaro, e isso foi o diferencial entre ele e o Haddad. Mas é importante também entender que se trata de uma população muito plural, de muitas denominações, com distinções teológicas.

JACQUELINE MORAES TEIXEIRA
Antropóloga, professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB) e pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e do Instituto de Estudos da Religião (Iser)

"A Deus é Amor, por tradição, não se insere na política. Essa tradição vem diretamente do fundador da igreja, David Miranda (1936-2015), e se mantém assim. É uma igreja extremamente tradicional.

MARCELO TADVALD
Doutor em Antropologia Social que pesquisa religião

"O Brasil, que tradicionalmente nunca foi dividido em clivagens sociais do ponto de vista eleitoral, começa a mostrar que estamos avançando para uma possibilidade de clivagem religiosa. Há uma divisão entre os católicos, mas em sua maioria talvez até tenham uma posição mais de centro-esquerda, enquanto a maioria dos evangélicos fica na centro-direita ou na direita.

PAULO PERES
Cientista político e professor da UFRGS

Vantagem do presidente no segmento

As mais recentes pesquisas realizadas pelo Ipec no Rio Grande do Sul mostram aumento da vantagem do atual presidente Jair Bolsonaro (PL) sobre o candidato de oposição Luiz Inácio Lula da Silva (PT) entre a população evangélica.

Bolsonaro dobrou a margem em relação a Lula entre os levantamentos realizados pelo Ipec no Estado nos dias 2 e 15 de setembro. Na primeira pesquisa do mês, o atual presidente tinha 45% da preferência desses fiéis contra 35% do petista, o equivalente a 10 pontos de dianteira. Na rodada mais recente, o concorrente do PL subiu a 52%, enquanto Lula oscilou para 32%, o que deixou uma diferença de 20 pontos percentuais entre ambos.

O impacto desse voto religioso só não é mais significativo no resultado geral das pesquisas porque o universo evangélico é menor no RS em comparação ao restante do país. Enquanto essa fatia fica em torno de um quinto da população em solo gaúcho, chega a superar 30% em nível nacional de acordo com estimativas mais recentes. A atualização do Censo Demográfico, atualmente em curso, deverá trazer dados mais precisos.

Em razão dessa expansão religiosa mais moderada, Lula seguia numericamente à frente de Bolsonaro na sondagem Ipec de 15 de setembro quando se leva em conta todos os eleitores gaúchos, com 40% a 39%, o que configura empate técnico.

O doutor em antropologia social e pesquisador da religião Marcelo Tadvald avalia que o RS não tem líderes evangélicos do mesmo porte de representantes de outros Estados como Rio de Janeiro ou São Paulo, o que, em tese, poderia até dificultar a orientação do voto em um ou outro candidato. O cientista político Paulo Peres considera, porém, que a forte presença religiosa em nível nacional em meios de comunicação tradicionais e capilarizados, como TV e rádio, e a proliferação de discursos alinhados politicamente pelas redes sociais acabam compensando a pulverização das lideranças regionais.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Eleição 2022

Copyright © Clipclap 2025.